

Semanário Maranhense, 05 de Julho de 1868: Chronica Interna San Luiz, Domingo, Anno I (45), p 7-8),  
Typ. de R. de Mattos, Imp. por M. F. Pires, rua da Paz, p. 7.

O Sr. Bright proferiu na camera dos communs, de que é um dos mais illustres membros, um violento discurso contra o Sr. Disraeli, accusando-o de traicao e de não ter havido invocado o nome da patria na discussao da camera, querendo cobrir-se com a irresponsabilidade da coroa.

O Sr. Gladstone estava para receber o posto de chanceller, que a universidade de Edimburgo lhe queria conferir, para esse cargo elle substituiu a lord Brougham, o celebre jurista-ou-advogado, que falleo agora com 90 annos de idade. Lord Brougham era um dos mais espantosos representantes da aristocracia inglesa; viu em seu paiz tres reinados, o de George 3.<sup>o</sup>, o de George 4.<sup>o</sup> e o da rainha Victoria, e ainda hoje foi um dos advogados da primeira Camara, mulher do principe de Galles, que depois foi George 4.<sup>o</sup>, na deliberação de admissão das duas consortes por adueto ao lado da primeira e desagrado da segunda. A cerca de lord Brougham nada de mais justo poderiamos dizer do que disse d'elle a *Revisão de Universidades de Dublin*—nos seguintes termos: Brougham possuia como natural—argueição serrada, nervosa e terribel dialctica, e era mais philosopho de que orador—

No corpo legislativo francez foi importantissima a discussão levantada a propósito da tractado de commercio com a Inglaterra. Os discursos mais notaveis foram os dos Srs. Thiers, Olivier, Forcade la Roquette e Rouher. Diziam os jornais que «discurso deste ultimo orador nada deitou a desajar, do qual não se afastaram a questão da discussão nem um alacres politico livre, consagrando-se simplesmente nos limites da questão economica. Liberaes e imperialistas hieroniamaram se no terreno da opposição proferindo a sua da livre troca. A questão da França com o bey de Tunis se ser concluida pacificamente, mediante a intervenção de uma commissão composta de membros dos estados credores daquelle potencia para regularizar o pagamento das dividas reclamadas. Os estados credores são os da Prussia, Italia, Inglaterra e França. Na Argelia perdura ainda o flagello da fome.

O mudo japonês deu pela satisfação a França por amor de attenção commetido contra os machibanos da fugata Depder, mandando tuzar onze japonezes cativados no negocio e perdendo de um restancia por pedidos do ministro francez.

É humanitariamente salutarissimo este modo de dar satisfações. Se o nosso governo se lembrar delle, que fortuna que nos a nosa?

O principe Napoleão se viajar ao Oriente, depois que se casou o principe Alberto Moral com a principessa Salomé.

Na Bразилia as camaras legislativas foram suspensas e estavam concluidas as eleições para o casamento do conde Goyens com a infante D. Isabel. Em Madrid, por amor do papel da moralha dos

olheiros, as melhozes operarias das fabricas de-ram um pequeno motim. O Rad-stehy ás dragagadas senhoras borganas. São bravos os governos' nos borganos.

F. NEMES.

CHRONICA INTERNA.

Nesta ultima quinzena, que é contada de 12 de junho até o dia 1.<sup>o</sup> do corrente mes, o chronista tomou nota de uma salubre resolução da autoridade policial e do renascimento de uma antiga usança, que já parecia prescripta pelos nossos costumes, para o fim de lembrar ambas as coisas. *Barraha*, pelo acto da policia e viva o *Bumba!* Se o não tivessimos, como passariam insinuas, mornas e silenciosas as festivas e estremitosas noites dos tres santos fogueiros do mes de junho!

Nos tristes dias, que actualmente vão correndo, perdida toda a lembrança do raizoso busca pé, e como que extinta a gloriosa geração do rapazio, denotado e ornado, que se derramava por essas ruas a saltar fogo de imagem clara de ronco assustador; atherrolhada a criançada, que era tão alegre na chuva incandescente das rodinhas e no gyro caprichoso das bichinhas corrideiras; honidas as pistolas de balas tão azues e lindas, como nos haviamos de divertir, sem a classica berraria do *bumba!*

Como que já estou ouvindo alguma fanfania da civilização moderna dizer-me: e as sortes, e os litros do destino, e o namoro fulgado entre uma bala de estalo e uma quadra prophetica, e a tranquillidade do salto sem visco, nem desastre algum, e o bato de S. João comido entre sorrisos e gracejos, e a cangira de milho e de? Tudo isto não compensa de sobra o bonimento dos barbaes brinquedos de outrora?

Tem o chronista o não gosto de dizer que não. Tudo isso pôde-se fazer em qualquer dia, até mesmo o namoro fulgado, os barbaes, o busca-pé, a Lincera, só pôdem ter lugar nos dias memoraveis do magroso Antonio, do deca potado João e do barbado chaveiro Pedro. Ora, vão lá berrar o estrido na semana sancta, ou pauer amenidades e confitias em domingo gordo?

Juro, á fé de chronista, que acerca de costumes populares sou antiquario. Há-via prazeres que ignora, ao sulto de uma fogueira com a menina, que nos enfeitava e que ao saltar nos beja, dizendo credula que ficara sendo d'ahi em diante nossa comadre? Haverá sinceridade que emite a que nos dá a esperança de ver na clara do oro, que adormeceu ao rebento dentro de um copo d'agua, desenhada a imagem dos nossos destinos, nas formas bellissimas, que a imaginação interpreta e cria? Haverá festa mais intimamente agradável do que a legendaria bannada da madrugada de S. João, banho de

penneada e olagris, que é, su menço na creença popular, uma especie de baptismo sem sal, sem azeite, que se recebe geralmente por amor da benedicta e solidor indifferente do Baptista?

O chronista entende que não e por isso pode licenciar aos espiritos civilizados, que são grande moleo tem do resaccimento dos nossos velhos costumes, para gritar—*Barraha*, pelo Sr. Dr. Morcio e viva o *bumba!*

Verdade é que o chronista ficou este anno meio desapontado com o astreamo, que observou na folgança do *baé*, e não pôde attribuir senão á falta de uso, por isso que ha sete longos annos tinha e fulgado de reparar-cido. Se o chronista não commette algum engano de memoria, a ultima vez, que o tivemos, foi em 1861 na gloriosa chefatura de policia do Dr. Manoel Maria. O Sr. Manoel dos meus peccados, qu'adadida que eu tenho de si!

Se esta razão de a razão não é convincente, presumo que se pôde inventar a do progresso, que tem feito a imaginação popular, e verdadeiro progresso á moderna, vai a lo dicto sem intenção, que caminha para o peor.

Effectivamente as legendarias figuras do *bumba!*—d'este anno não deram especimens d'aquelle antigo santeo do *baé* dos tempos em que eu e vós, leitores moços, eramos ainda crianças. Só na extravagancia do vestuario eram exactas e parecidas ás de outrora; as mesmas casacas velhas com enfiadas de pedaços de papel, com excipião, porém, do cabóelo guerreiro, que com cortezia não tinha o bicho das pennas, o garboso cocar, o leve e ligeiro do entuapo do cabóelo antigo, que era em tudo semelhante aos herdes indigenas do nos-o poeta G-ralves Dias.

Introduziram na folgança deste anno um repinico do matracas com acompanhamento de uns gritos estordos e dissonantes, que me arijistavam as carnos do ouvido, sem a minima lembrança de que outrora usassem de laes cousas as figuras do *baé*. No canto notei sensivel differença e sempre para o peor: a não encontravi a graça antiga na tagarellice desconchavada do doutor pisa macio, nem nos requibros da mãe Catharina, nem no aparvalhado rubicão do celebre pai Francisco, barriga de mala velha. O cabóelo guerreiro, que outrora tinha lá do Longal, e entoava com ligeira e cadenciada voz o estribillo incompreheensivel do—*Chô, chô, chô, gerimano*, pareceo-me cobrado de algum quartinho de alfoare ali do Ribeirão ou do bairro do mercado, e mais desejuoso de dar vivas ao maromão de Caxias e morras ao Lopez do Paraguay do que de entoar galhardamente o—*Chô, chô, chô, gerimano*. Na berraria, sim, eram todos grandes e fortes, abo-sando ob e sub-repeticamente da licença de autoridade policial. A multidão, que acompanhava o *bumba*, romava de seu lado muito ab-iginalmente; parecia pouco astrosonda erguida no barrot de equip no largo terreiro das tabas homeni-

das dos primitivos incolas d'esta terra. Mas, que importa que a berraria fosse horrivel, que os cidadãos não vissem em suas casas o asylo inviolavel e sagrado, que a Constituição lhes garante? Que importa que nas melhores horas do somno e do sono as paredes dos aposentos estrondeassem com os gritos do *boi*, se todos nós tivemos a incomensuravel fortuna de ver renascido o folguedo com que tanto se divertiram nossos pais e nossos avós?

No meio de toda esta felicidade o chronista lamentou deveras o progresso da imaginação popular. Se ouvia cantos novos, sem graça, nem belleza alguma, deixou de ouvir aquellas lindissimas toadas do

«cachorrinho, quando lito no larraco do tati.»

e do soberbo côro do

«Hei, rei, rei embaixador, ora, viva a mil, que tem seu amor!»

O esquecimento d'este ultimo côro deu que pensar ao chronista. E, pondo-se elle a reflectir maduramente sobre tão incrível falta de lealranga, achou por fim que já se não canta o—*ora, viva a mulata, que tem seu amor*—pela poderosa razão de que a antiga mulata é um typo, que desapareceu d'entre nós.

Não o tomem os sabios e naturalistas por imaginoso e chimerico. O chronista estriba-se na grande opinião do sabio

desappareceu d'entre nós.

Não o tomem os sabios e naturalistas por imaginoso e chimerico. O chronista estriba-se na grande opinião do sabio doutor Carlos Muller, que explica a theoria da criação alternante, entre outros, com o efficaz argumento da desaparição de certas raças, como em certos períodos se tem observado nas ilhas do mar do sul.

Ah! nos prodromos de receio de desaparecer totalmente da superficie terrena d'esta cidade o bello e elegante typo da mulata, o chronista vai desde já repetindo em voz sôronita: filhos de S. Luiz, chorai por ella!

E é assim; o typo da antiga mulata já não existe. A saia curta, a mostrar os pés pequenos na chim-linha seritada do marroquim fiozissimo, e a camisa luxuosamente rendada, que ver deixava o collo e as obras com que amor mata de amores, tudo desapareceu na substituição do vestido afogado, e da botina, que nos vem de França. Horror! e hoje então com o talhe enesgado e o baço exprimido, verdadeiros sudarios de mão gosto e de pesada, são collados á graciosa elegancia de algumas copias do typo, que por de mais, não tinham, fazendo vontades de parafusos, o tercello dantesco da se-gunda geração:

«nessuni maggior dolore  
che ricordarsi del viso galante  
in questo semblante!»

E o alto pente de tartaruga, ornado de rutilante, larga e lavrada tala de ouro fino, e os atracadures de tala estreita, e as flores de canutilho e malicachêta, adornos estes, que enfeitavam de modo

elegantissimo as carapinhas revoltas daquellas formosas cabeças, que o mais que tre-scalavam era o grato aroma do democratico sebo de Hollanda, que foi depois á sorrelha substituido pelas aristocraticas perolas d. *chelo* ou macassar!

E as grossas contos de quebra cogoto, que formavam a base de operações luxuosas d'aquelle *seu* collos, nos quaes se collocavam symmetricamente os fios mais finos de contra de alto preço, até fechar a taboleta surifera dos enfeites a intestar com o queixo arredondado e soberano, que em graciosos meandros se volvia por cima d'aquelle mundo immenso, que era amarello claro por diante e por baixo amarello escuro!

E os monumentaes bentinhos de massiça chapéleta d'ouro em relevo, e os grandes botões, de ouro tambem, dos punhos e das aberturas das camisas de renda, e as pulseiras e voltas, que por aquelles braços se entrosavam, braços que a seu turno se entrosavam tambem como as heras pelas columnas do *seje*!

Hoje toda esta belleza do typo festival da antiga mulata desapareceu sob a acção da esponja destruidora, que a civilização continuamente manuzeia. As carapinhas revoltas andam mettidas nos apertos dos penteados modernos de coque e triumpho petulante na frente, e aromatizam-se de pomadas e oleos finissimos, que a perfumaria franceza nos envia. Até o cheiroso trevo dos vestua-

rios singellos já se não vê. já se não sente. Foi trocado pelo oleo de babosa ou quando muito por umas flores naturaes sem aroma e sem graça. E até, por cumulo de horrores, ja se tem visto grinaldas de flores artificiaes, de candelas ou myosotis, por cima e por dentro das afanosas carapinhas do typo degenerado, que hoje tão lampeiramente se nos apresenta e por toda parte!

Este seculo dá cabo de tudo e extingue as melhores crezas do passado. Era para admirar que o gaz, o vapor, o imposto pessoal e por ultimo os bouffes parisienses não dessem garrote ao esplendido typo da mulata antiga. Sobre tudo as actrizes francezas; com umas seis companhias iguaes á do Sr. Noury a mulata fica inteiramente banida. Quando a verdes fóra da republica, chorae por ella, filhos de S. Luiz!

Não sabe o chronista onde foi o *bumba* enterrado; antigamente a baixa do Apicum era o lugar escolhido para a sepultura gloriosa do—*boi*. E de' crer que até este costume haja sido obliterado da lembrança popular, indo-se talvez inhumar o respeitavel *boi careta* lá para o Cutilho ou caminho da Maioba.

Fora de duvida, porem, fica sendo que ainda na madrugada do dia 1º do corrente mez o—*bumba* tinha vida e berrava se estrondosamente. D'antes no dia 30 de junho, commemorativo de S. Marçal, o *boi* era irremissivelmente sepultado, bem que a carcassa já lhe estivesse arrebitada de cacete e fogo.

O chronista sente não poder ser interminavel n'este assumpto, que é tanto de seu gosto e tão grata recordação lhe suggere; mas, não o larga da penna sem que esta escreva pela ultima vez—*hurrah*, pelo Sr. Dr. Morato!

Além d'estes grandes acontecimentos, o chronista só se recorda das representações, que o distincto Sr. Gezar de Lacerda, actor-auctor, acompanhado da senhora Falco, está dando no theatro S. Luiz. O chronista não teve por enquanto o prazer de os ver e de os ouvir a ambos; mas pelo que se lhe tem dito e assegurado as noites de representação escolhida do Sr. Gezar de Lacerda são realmente agradaveis, e mais ainda pela barateza dos preços, que tanto haviam subido nos espectaculos dos Srs. Hermann e Noury. Fazer elogios ao Sr. Gezar de Lacerda já não produz bom effeito; o distincto actor-auctor tem reputação firmada e incontestada merecimento.

Vai o chronista concluir, fazendo uma declaração, que vem a ser, que em falta de homem até o abaixo assignado, com o seu nome inteiramente nacional e antiquado, já serviu para desempenhar o encargo da chronica interna. O Sr. Castel-

lamare, que era o dono da casa, foi se lá para nunca mais voltar; o Sr. Reimar anda presentemente com umas phantasias, que só elle as entende; o Sr. Gezar Marques metteu-se em vida nos conventos, á maneira de Carlos V, e parece que tão cedo não sahirá d'elles; o Sr. Sabbas tomou passagem no chavero de Simão Oceano e não pô pé em terra; o Sr. José Ascenso está longe e não se digna de tractar de outra couza que não seja a complicada sciencia da economia politica; o Sr. Ricardo Ernesto de Carvalho acha um prazer tommensu em ir ás trezenas de Santo Antonio, e em não mandar couza alguma para este jornal; o Sr. Andrade escreve idyllios mentaes sob as frescas sombras do seu retiro dos Remedios e nada nos envia para estas columnas; os poetas do *Semanario*, esses olham no ceo o caminho traçado á humanidade pelas mãos de Deus, como dizia Chatterton ao toleirão do lord Beckford, e arripiam-se de olhar para a terra e muito mais para a chronica. Estou por tanto justificado e perdoem os leitores a ousadia com que fiz a minha estreita de gostos e costumes populares.

JOÃO DOMINGOS PEREIRA DO SACRAMENTO.

Typ. de H. de Mathos.—Imp. por M. F. Pires, rua da Præ, 7.

Nesta última quinzena, que é contada de 12 de junho até o dia 1º do corrente mez o chronista tomou nota de mais uma sabia resolução da autoridade policial e do enascimento de uma antiga usança que já parecia prescrita pelos nossos costumes, para o fim de louvar ambas as coisas. Hurrah pelo acto da policia e viva o – Bumba! Se o não tivéssemos como passariam insolsas, mornas e silenciosas as festivas e estrepitosas noites dos três sanctos fogueteiros do mez de junho!

Nos tristes dias que atualmente vão correndo, perdida toda a lembrança do raivoso busca pé, e como que extincta a gloriosa geração do rapazio, denodado e cruel, que se derramava por essas ruas a soltar fogo de lima-gem clara e de ronco assustador; afferrollhada a criançada, que era tão alegre na chuva incandes-cente das rodinhas e no giro caprichoso das bichinhas corribaixas; banidas as pistolas de balas tão azues e lindas como nos havíamos de divertir, sem a clássica berraria do – bumba?

Como já estou ouvindo algum fanático da civilização moderna dizer-me: e as sortes, e os livros do destino, a o namoro folgado entre u ma bala de estalo e uma quadra prophética, e a tranquillidade do salão sem risco, nem desastre algum, e o bolo de São João comido entre sorrisos e gracejos, e a canjica de milho verde? Tudo isto não compensa de sobra o banimento dos bárbaros brinquedos de outrora?

Tem o chronista o mau gosto de dizer que não. Tudo isso pode-se fazer em qualquer dia, até mesmo o namoro folgado, mas o bumba, o busca-pé, a loucura, só podem ter lugar nos dias memoráveis do milagroso Antônio, do decapitado João e do barbado chaveiro Pedro. Ora, vão lá brincar o entrudo na semana sancta, ou comer amêndoas e confeites em domingo gordo!

Jura a fé do chronista, que acerca de costumes populares sou antiquário. Haverá prazer que iguale ao salto de uma fogueira com a menina, que nos enfeitiza e que ao saltar nos beija dizendo crédula que ficará sendo d’ahi em diante nossa comadre? Haverá sinceridade que emite a que nos dá a esperança de ver na clara do ovo, que dormeceu ao relento dentro de um copo d’agua, desenhada a imagem dos nossos destinos, nas formas bellissimas, que a imaginação interpreta e crea? Haverá festa mais intimamente agradável do que o legendário banho da madrugada de São João, banho de parmacada (sic.) e alegria, que é, ao menos na crença popular, uma espécie de baptismo sem sal, sem azeite, que se recebe secularmente por amor da benéfica e salutar influencia do Baptista?

O chronista entende que não é por isso pede licença aos espíritos civilizados, que tão grande medo teem do renascimento dos nossos velhos costumes, para gritar – hurrah, pelo Sr. Dr. Morato e viva o – bumba!

Verdade é que o chronista ficou este ano meio desapontado com o atraso que observou na folgança do boi, e não pôde attribuir senão à falta de uso, por isso que há sete longos annos tinha o folguedo desaparecido. Se o chronista não commette algum engano de memória, a última vez que o vimos foi em 1861 na gloriosa chefatura de policia do Dr. Manoel Maria. Oh Manuel dos meus peccados, que saudades que eu tenho de ti!

Se essa razão do atrazo não é convincente, presumo que se pode inventar a do progresso, que tem feito a imaginação popular, e verdadeiro progresso à moderna, vai isto dicto sem intenção que caminha para o peor.

Effectivamente as legendárias figuras do – bumba d’este anno, não deram especimens d’aquelle antigo sainete do boi dos tempos em que eu e vós leitores moços éramos ainda crianças. Só na extravagância do vestuário eram exactas e parecidas às de outr’ora; as mesmas casacas velhas com enfeites de pedaços de papel com excepção porém do caboclo guerreiro, que com certeza não tinha o brilho nas pennas, o garboso cocar, o leve e ligeiro do enduape do caboclo antigo, que era em tudo semelhante aos heróis indígenas do nosso poeta Gonçalves Dias.

Introduziram na folgança deste anno um repinicado de matracas com acompanhamento de uns gritos estólios e dissonantes, que me arripiavam as carnes ao ouvil-os, sem a mínima lembrança de que outr’ora uzassem de taes cousas as figuras do boi. No canto notei sensível differença e sempre para o peor e não encontrei a graça antiga na tagarelice desconchavada do doutor pisa macio, nem os requebos da mãe Catharina, nem no aparvalhado ridículo do célebre pai Franciso, barriga de mala velha. O caboclo guerreiro, que outr’ora vinha lá do Lengal, entoava com ligeira e cadenciada voz o estribilho incompreensível do – chô, chô, chô, gerimano, pareceo-me chegado de algum quartinho de alfaiate ali do Ribeirão ou do bairro do Mercado mas desejoso de dar viva ao marques de Caxias e morras ao Lopes do Paraguay do que de entoar galhardamente o - chô, chô, chô, gerimano. Na berraria sim, eram todos grandes e fortes abusando ob e sub-repticiamente da licença da autoridade policial. A multidão, que acompanhava o – bumba, vozeava de seu lado muito aboriginalmente; parecia possante estrondosa erguida no fervor do (...) no largo terreiro das tabas (...) dos primitivos íncolas desta terra. Mas que importa que a berraria fosse horrível, que os cidadãos não vissem em suas casas o asylo inviolável e sagrado, que a Constituição lhe garante? Que importa que as melhores horas do somno e do socego as paredes dos aposentos estrondeassem com os gritos do boi, se todos nós tivéssemos a incomensurável fortuna de ver renascido o folguedo com que tanto se divertiram nossos pais e nossos avós?

No meio de toda esta felicidade o chronista lamentou deveras o progresso da imaginação popular.

Se ouviu cantos novos, sem graça, nem belleza alguma, deixou de ouvir aquellas lindíssimas toadas do

*“Cachorrinho quando late  
No buraco do tatu.”*

E do soberbo coro do

*Rei, rei, rei embaixador,  
ora viva a mulata que tem seu amor!”*

O esquecimento d’este último côro deu que pensar ao chronista. E, pondose elle a reflectir maduramente sobre tão incrível falta de lembrança achou por fim que já se não canta o – ora viva a mulata que tem seu amor, - pela poderosa razão de que a antiga mulata é um typo que desapareceu d’entre nós.

Não tomem os sábios e naturalistas por imaginoso e chimerico. O chronista estriba-se na grande opinião do sábio doutor Carlos Muller, que explica a teoria da creação alternante, entre outros com o efficaz argumento da desappareição de certas raças, como em curtos períodos se tem observado nas ilhas do mar do sul.

Ah! Nos prodromos de receio de desaparecer totalmente da superficie terrena d’esta cidade o bello e elegante typo da mulata, o chronista vai desde já repetindo em voz sentida: filhos de S. Luiz, chorai por ella!

E é assim o typo da antiga mulata já não existe. A saia curta a mostrar os pés pequenos na chinelinha seritada de marroquim finíssimo, e a camisa luxuosamente rendada, que ver deixava o collo e as obras com que amor mata de amores, tudo desapareceu na substituição do vestido afogado, e da botina, que nos vem de França. Horror! e hoje então com o talhe enesgado e o balão exprimido, verdadeiros sudários de máo gosto e de pés collados à graciosa elegância (...) das copias de typo que por (...) andam fazendo vontades de (...) tercetto dantesco da segunda (...):

*“..... maggiore dolore  
que ricordarsi del viso galante  
em questo semblante!”*

E o alto pente de tartaruga ornado de rutilante, larga e lavrada tala de ouro fino e os atracadores de tala estreita, e as flores de canutilho e malacacheta, adornos estes que enfeitavam de modo elegantíssimo as pérolas do cheiroso macassar!

E as grossas contas do quebra cogote, que formavam a base de operações luxuosas daqueles cronetados collos, nos quaes se collocavam symmetricamente os fios mais finos de conta de alto preço até fechar a taboleta surífera dos enfeites a intestar com o queixo arredondado e soberano, que graciosos meneios se volvia por cima d’aquelle

mundo imenso que era amarello claro por diante e por baixo amarello escuro!

E os monumentaes bentinhos de mássica chapeleta d’ouro em relevo e os grandes botões de ouro também, dos punhos e das aberturas das camisas de renda, e as pulseiras e voltas, que por aquelles braços se enroscavam, braços que a seu turno se enroscavam também com as heras pelas columnas do desejo.

Hoje toda essa beleza do typo festival da antiga mulata desapareceu sob a ação da esponja destruidora que a civilização continuamente manuseia. As carapinhas revoltas andam metidas nos apertos dos penteados modernos de coque atraz e triumphante na frente, e aromatizam-se de pomadas e óleos finíssimos, que a perfumaria franceza nos envia. Até o cheiroso trevo dos vestuários singelos já se não vê, já se não sente. Foi trocado pelo óleo de babosa ou quando muito por umas flores naturaes sem aroma e sem graça. E até por cúmulo de horrores, já se tem visto grinaldas de flores artificiaes, de camélias ou myosotis, por cima e por dentro das afanosas carapinhas do typo degenerado, que hoje tão lampreiramente se nos apresenta em toda parte!

Este século dá cabo de tudo e extingue as melhores coisas do passado. Era para admirar que o gaz, o vapor, o imposto pessoal e por último os bouffes parisienses não se dessem garrote ao esplêndido typo da mulata antiga. Sobre tudo as actrizes francesas; com umas seis companhias iguaes à do Sr. Noury a mulata fica inteiramente banida. Quando a virdes fora da república, chora por ella filhos de S.Luiz!

Não sabe o chronista onde foi o bumba enterrado; antigamente a baixa do Apicum era o lugar escolhido para a sepultura gloriosa do – boi. É de crer que até este costume haja sido obliterado da lembrança popular, indo-se talvez inhumar o respeitável boi careta lá para o Cutim ou caminho da Maioba.

Fora de dúvida, porem, fica sendo que ainda na madrugada do dia 1º do mez o – bumba tinha em carapinhas revoltas daquellas formosas cabeças que o mais que trescalavam era o grato aroma do democrático sebo de Hollanda, que foi depois à sorrelfa substituído pelas aristocráticas vida e berrava se etrondosamente. D’antes no dia 30 de junho, commemorativo de S. Marçal, o boi era irremissivelmente sepultado, bem que a carcaça já lhe estivesse arrebetada de cacete e fogo.

O chronista sente não poder ser interminável n’este assumpto, que é tanto de seu gosto e tão gratas recordações lhe suggere: mas não o larga da penna sem que esta escreva pela última vez – hurrah, pelo Sr. Dr. Morato!

Alem d’estes grandes acontecimentos, o chronista só se recorda das representações, que o distincto senhor César de Lacerda, actor-actor, acompanhado da senhora Falco, está dando no theatro S.Luiz. O chronista não teve por emquanto o prazer de os ver o de os ouvir a ambos, mas pelo que lhe tem dicto e

assegurado as noites de representação escolhida do senhor César de Lacerda são realmente agradáveis, e mais ainda pela barateza dos preços, que tanto haviam subido nos espectáculos dos senhores Hermann e Noury. Fazer elogios ao senhor César de Lacerda já não produz bom effeito; o distincto actor-autor tem reputação firmada e incontestável merecimento.

Vae o chronista concluir, fazendo uma declaração que vem a ser: que em falta de homem até o abaixo assignado, com o seu nome inteiramente nacional e antiquado, já serviu para desempenhar o encargo da chronica interna. O Sr. Castellamare, que era o dono da casa, foi-se talvez para nunca mais voltar; o Sr. Reimar anda presentemente com umas phantasias que só elle as entende; o Sr. César Marques metteu-se em vida nos conventos, a maneira de Carlos V, e parece que tão cedo não sairá d'elles: o Sr. Sabbas tomou passagem no chaveco de Simão Oceano e não põe pé em terra; o Sr. José Ascenso está longe e não se digna de tractar de outra couza que não seja a complicada sciencia da economia política; o Sr. Ricardo Ernesto de Carvalho acha um prazer immenso em ir às trezenas de Sancto Antonio e em não mandar couza alguma para este jornal; o Sr. Andrade escreve ydillios mentaes sob as frescas sombras do seu retiro dos Remédios e nada nos envia para estas columnas; os poetas do Semanário, eses olham no ceo o caminho traçado à humanidade pelas mãos de Deus, como dizia Chatterton ao toleirão do lord Beckfor, e arripiam-se de olhar para a terra e muito mais para a chronica. Estou por tanto justificado e perdoem os leitores a ouzadia com que fiz a minha estréia de gostos e costumes populares.

**João Domingos Pereira do Sacramento**

**Semanário Maranhense, 05 de Julho de 1868: Chronica Interna San Luiz, Domingo, Anno I (45), p 7-8), Typ. de R. de Mattos, Imp. por M. F. Pires, rua da Paz, p. 7.**

Lá para as bandas de São Thiago começaram hontem, pelas 10 horas da noite, os grandes ensaios do *bumba meu boi*, com geral satisfação da arraia miuda, que se regala com semelhante cousa e grave escandalo da visinhança que se vê ameaçada por um flagello horrivel de gritos e de berros atroadores.

Jornal "Pacotilha" 17 de junho de 1881.  
Ano I – Ed. 75.

† O *bumba meu boi* já vai abusando.

Hontem a noite as familias que recolhiam do espectáculo pela rua do Sol, viram-se forçadas a dar volta por outra rua porque o *bumba*, que dançava em frente a casa do sr. dr. Augusto Rosa, embargava completamente o transito. Pedimos providencias a policia.

Jornal "Pacotilha" 18 de maio de 1883. Ano III – Ed. 135.

Informão-nos que amanhã dançará um *bumba meu boi* que existe lá para o Caminho Grande em comemoração da promulgação da *Constituição Estadual*, que dizem estar *papa fina*.

A ser exacto tal noticia, lastimamos os infelizes moradores d'aquelles arrebaldades, que sem duvida terão de aturar a grataria infernal dos taes *legalistas*.

Jornal "Pacotilha", 27 de julho de 1892.  
Ano XII – Ed. 176.

E' insupportavel o povo da *legalidade*.

Agora os homens da situação engendraram um *bumba meu boi* n'uma casa da rua dos Affogados, entre a da Cruz e a de S. João, que é um verdadeiro inferno. Além de atormentar a visinhança, acaba, quasi sempre, a *pagodeira* com uma chuva de cacetes.

E é esse gente que falla em moralidade.

Jornal "Pacotilha", 02 de agosto de 1892. Ano XII – Ed. 181.

Os moradores da rua da Cruz, no trecho comprehendido entre as ruas de Sant'Anna e Direita, queixam-se de um «*bumba meu boi*» que existe por lá.

O brinquedo do tal *bumba* se prologa até tarde e ninguem pode dormir.

Faça ao menos o papel de vaqueiro sr. dr. Tasso: Paze o boi.

Jornal "Pacotilha", 07 de junho de 1902. Ano XXII – Ed. 135

Hontem pelas horas mortas da noite, andava pela rua da Inveja um grupo de individuos perturbando o silencio publico, com uma barulhenta cantaria de *bumba meu boi* que accordou a todos por onde passava.

Jornal "A Campanha", 24 de Setembro de 1902. Anno I – Ed. 151

Por causa de uma brincadeira de *bumba meu boi* houve ultimamente no Caminho Grande, junto ao cemiterio dos Passos, um formidavel rolo entre uns negros, que jogavam as cacetadas de um modo espantoso.

Jornal "Pacotilha" 23 de julho de 1883. Ano III – Ed. 199.

## Tiroteio

A' meia noite de ante-hontem, dois soldados do 48 de caçadores fizeram um tiroteio com alguns civis no lugar Baixinha, na ocasião em que dançava um *bumba meu boi*.

Felizmente as balas, que eram de revólver, não atinjiram a ninguem.

Jornal "Pacotilha" 2 de agosto de 1915. Ano XXXV – Ed. 179.

Nos dias 23 e 24, á noite appareceu o tradicional *bumba meu boi*, correndo o brinquedo sem novidade e a contento da população desta villa.

No dia 29, porém, appareceu novamente o tal *bumba*, que, depois de ter dançado em diversas casas, se retirou para o fim da rua chamada «d'Areia», já quasi fóra do recinto da villa, e ali foram a vias de facto parte do pessoal do boi e diversas pessoas do povo, entre as quaes se salientava Pedro Borges que, a todo o transe, queria queimar o boi, resultando levar Borges algumas pancadas com as matracas, armas de que usam os personagens do boi. Nesse acto chega o preto Adriano Pereira de Sá, que não fazia parte de nenhum dos grupos contendores, e com um facão, de que se achava armado, deu uma enorme facada em Nicolau Alves de Jesus, abaixo do peito do lado direito, indo o ferro apontar nas costas.

Não precisa dizer-se que o ferimento é gravissimo; o offendido ainda se acha em perigo de vida.

O criminoso evadiu-se; porém, dois dias depois, apresentou-se á prisão, receioso, segundo conta, de soffrer qualquer ataque por parte dos parentes do offendido, que o procuravam para prendel-o, visto que a policia se mostrou indifferente a isto.

Felizmente, desta vez houve exame de corpo de delicto e inquerito policial, feitos, não pelo delegado Magalhães, mas pelo sub-delegado Candido Barbosa, que entendeu exhibir-se, não sei por milagre de que santo, talvez de de S. Martinho.—18—7—1907.—(Do correspondente).

Jornal "Pacotilha" 05 de agosto de 1907. Ano XXVII – Ed. 184.

Uma respeitável família foi a tropellada por um buscapé, que obrigou-a a recolher-se em uma casa.

E' até onde pode subir a estupidez, nem as proprias famílias são respeitadas.

E a policia dorme o somno da indolencia !

Jornal "Pacotilha", 20 de Junho de 1881.  
Anno I – Ed. 59.

*Festas de S. João:—*Tiverão este anno bastante influencia as festas de S. João, as fogueiras e buscapés forão em abundancia, dando em resultado muitas mãos queimadas e algibeiras vasias.

Jornal "O Globo" de 02 de Julho de 1858.

## O Maranhão na Exposição de Chicago.

No vapor inglez «Maranhense» seguiram hontem para New-York 7 homens e 6 mulheres de côr, acompanhadas por um interprete especial, contractados para, no parque da grande exposição, exhibir as danças populares, do nosso Estado, conhecidas pelos nomes de «Bumba-meuboi», «Tambor» e «Chorado».

Foi pintado pelo conhecido artista João Cunha o boi que ha de servir para a dansa, e ao qual deu-lhe a apparencia de um formidavel garrote taurino.

Esse grupo contractado, pelo representante dos emprezarios desse e de outros costumes do sul e do norte do Brazil, estabeleceu para o pessoal as melhores garantias, e toda a segurança, sendo os contractos aqui visados pela chefatura de policia, com viagens de ida e volta, passagens de 1ª classe, e todas as despezas de tratamento até o mez de novembro.

Além dos generos que o Maranhão expõe, e que darão perfeita ideia de suas industria, arte e lavoura, vai offerecer, na secção competente, uma interessante diversão que ha de attrahir a attenção dos nacionaes e forasteiros que concorrerem a esse grande certamen, conhecido do mundo inteiro.

Bem felizes são os 14 maranhenses que, com certeza, a não ser a Exposição Colombiana, não teriam occasião de una tão agradável, util e instructiva viagem.

Jornal «Diário do Maranhão», 24 de Outubro de 1893.  
Anno XXIV – Ed. 6042

Regressou de Chicago a esta capital o pessoal que ali foi executar, na Exposição, o brinquedo do boi.

Jornal «Pacotilha», 24 de Outubro de 1893.  
Anno XIII – Ed. 254

## S. João e S. Pedro

### Ao Anil rapaziada!

O Albino está preparando para receber todos os seus amáveis freguezes, com uma **Boia** especial e uma cervejinha gelada, capaz de gelar-os mui suavemente, uns sorvetinhos de fazer lamber os beiços, e uma infinidade de vermouths, cognacs, vinhos, *brasileirinha* etc. etc. etc.

A's 9 horas da noite um gordinho Bumba meu Boi, vistosamente preparado virá ao largo em frente do botequim, fazer proesas, com o jocoso Pae Francisco e a amavel Mãe Catharina.

Depois disso uma agradável surpresa será feita aos freguezes do Albino.

**AO ANIL RAPASIADA!**

Jornal "Pacotilha", 19 de Junho de 1900.  
Anno XX - Ed. 144.

## Bumba meu Boi

Amanhã, 23 do corrente

O Garrido, na Jordôa, espera a rapaziada do bom tom, para assistir este folguete de tanta atenção, tendo as ordens cerveja fria, vinhos cognacs, etc.

**A' Jordôa! A' Jordôa!**

2122 - 2

Jornal "Pacotilha", 22 de Junho de 1897.  
Anno XXI - Ed. 154.

## A Floresta

**VIVA S. PEDRO**

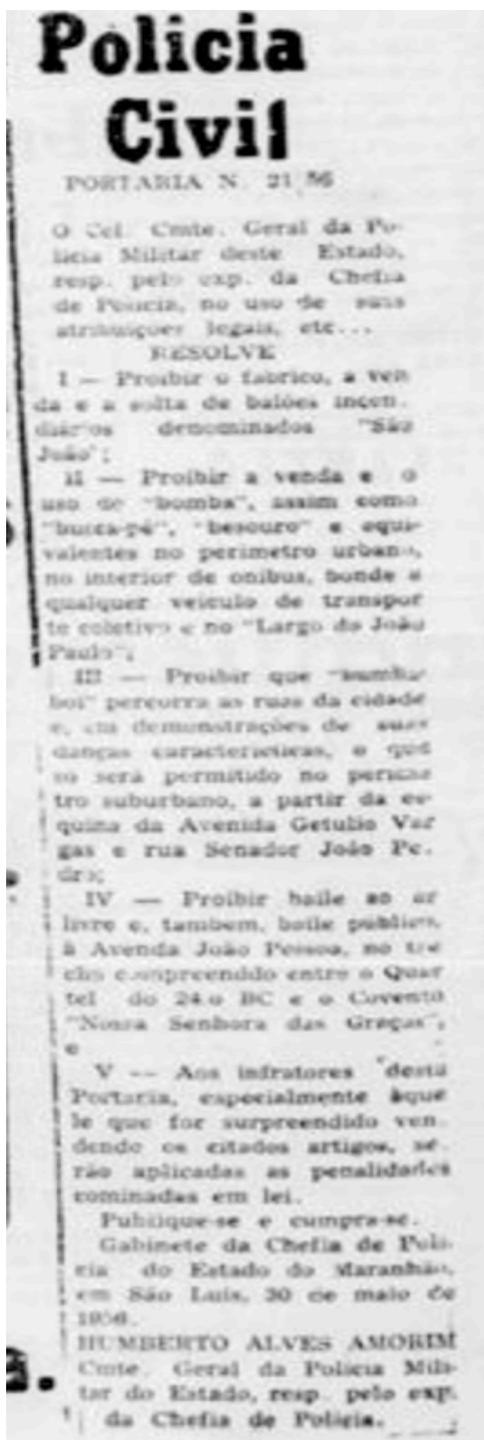
Vinde rapaziada a bella FLORESTA, que encontrareis tudo quanto é de bello bom e confortavel, ao estamago, encontrareis tambem um bem ensaiado BUMBA MEU BOI, que deleitará a rapaziada em algumas horas de fadiga, vinde, vinde, que o Arthur promette agradar-vos,

**A Floresta  
a Floresta**

DE

Arthur Almeida 2299-1  
A Estação da estrada de Ferro.

Jornal "Pacotilha", 29 de Junho de 1901.  
Anno XXI - Ed. 154.



Polícia Civil

Portaria 21,56

III Proibir que “bumba boi” percorra as ruas da cidade e em demonstrações de suas danças características, o que só será permitido no perímetro suburbano, a partir da esquina da Avenida Getúlio Vargas e rua Senador João Pedro.

Publique-se e cumpra-se.

Gabinete da Chefia de Polícia do Estado do Maranhão em São Luís, 30 de maio de 1956.

HUMBERTO ALVES AMORIM

**ATRAÇÕES DA PRAÇA DEODORO**  
Estas são as atrações das festividades juninas da Praça Deodoro: a barraca do palhaço Marrêta, a Barraca Os Cométas, A Barraca da Providência, a barraca da Mulher Aranha, apresentação de quadrilhas, bumba-meu-boi, tambor de mina, etc.

**ATRAÇÕES DA PRAÇA DEODORO**

Estas são as atrações das festividades juninas da Praça Deodoro: a barraca do palhaço Marrêta, a Barraca Os Cométas, A Barraca da Providência, a barraca da Mulher Aranha, apresentação de quadrilha, bumba-meu-boi, tambor de mina. Etc.

Jornal "O combate" 25 de Junho de 1965. Edição 01 (01).

**M O V I M E N T O**  
— Está havendo grande movimento tôdas as noites na Praça Deodoro. As festividades juninas ali vêm agradando em cheio, com dezenas de barracas armadas, brincadeiras de bumba-meu-boi, quadrilhas, tambor de mina, etc., numa promoção do Departamento de Turismo da Prefeitura.

Jornal "O combate" 25 de Junho de 1965. Edição 01 (01).

#### FESTAS CAPIRAS

1 — Os diplomandos da Faculdade de Filosofia vão promover na noite de amanhã, sexta-feira, no Casino Maranhense, animada festa caipira. Nonato e seu conjunto animarão o ambiente matuto.

2 — No sábado, terá lugar no Jaguarerna, a sua tradicional festa matuta, reunindo ali crescido número de associados. As festas caipiras do Jaguarerna são sempre muito animadas e concorridas.

3 — Também na sábado o Grêmio dos Subtenentes e Sargentos abrirão os seus salões para realizar a sua primeira grande festa caipira.

4 — A Festa caipira do Grêmio Líteo terá lugar no dia 28 do corrente, véspera de São Pedro, na sede Esportiva, com desfile de candidatas a "Rainha" das Caipiras, quadrilhas, bumba meu boi, tambor de mina, etc.

5 — Em diferentes partes da cidade estão sendo realizadas festas caipiras com grande animação. Estes são os locais onde referidas festividades acontecem anualmente: rua do Outeiro, Alegria, Vila Bossa, S. Pantaleão e outras tantas.

4 -- A Festa caipira do Grêmio Líteo terá lugar no dia 28 do corrente véspera de São Pedro na sede Esportiva, com desfile de Candidatas a "Rainha" das Caipiras, quadrilhas, bumba meu boi, tambor de mina etc.